

## É PRECISO SE REINVENTAR

Regina Farias da Silva do Nascimento<sup>1</sup>

Era minha primeira experiência com o gênero Crônica e também com a turma de 9º ano, vale ressaltar que acompanho os alunos do ano em foco, desde o 6º ano, e que tivemos um prazeroso trabalho com a Olimpíada de Língua Portuguesa no 7º ano quando na ocasião o gênero em destaque foi Memórias Literárias. Sabia que os desafios agora seriam maiores e porque não dizer gritantes, pelo fato de estarmos passando pela pandemia, o que nos pegou de surpresa e mudou totalmente nossas vidas, mas, sabia também, que o aprendizado seria imenso, como de fato foi.

De início, entrei no portal da Olimpíada, me apropriei de todo material disponibilizado dediquei tempo para estudar uma forma de reinventar minha prática, de tentar vivenciar as oficinas com meus alunos de forma significativa para ambos. Desde junho de 2020 nosso município vive a dura realidade das aulas remotas, em particular, de acordo com nosso público, a escola, os docentes vêm tentando continuar o processo de ensino/aprendizagem por meio de grupos de whatsapp e por vezes pelo aplicativo Google Meet, e foi assim que aos poucos e com imensos desafios conduzi a proposta da olimpíada com a turma.

Para introduzir a 7ª edição da Olimpíada de Língua Portuguesa, fiz um vídeo curto lançado no grupo de estudo onde apresentei a Olimpíada 2021 e relembrei nosso último gênero vivenciado no 7º ano, com o intuito de estimulá-los para se reinventar e mesmo com as dificuldades, os desafios de uma pandemia brilharem mais uma vez com suas belas produções. Nessa mesma aula, realizei uma chamada pelo Meet e com uma participação bem expressiva da turma, fui explicando passo a passo o concurso no qual estamos inseridos. Aqui, teve indagações do tipo: -Professora, se no 7º ano quando

---

<sup>1</sup> Pós- Graduação Lato Sensu em Psicopedagogia institucional e Clínica Instituto de Ensino Superior Franciscano- Paço do Lumiar- MA. E-mail: reginafariasnascimento@gmail.com Unidade Escolar Vidigal Rodrigues Filho Aldeias Altas/MA

estávamos frente a frente no dia a dia, foi difícil, imagina agora? De imediato respondi a inquietação com as seguintes palavras: sim, foi difícil, porém não foi impossível e agora também não será, o segredo é mais dedicação, vamos juntos encontrar formas de continuar nosso aprendizado.

Nas aulas seguintes reservei espaço para leituras de crônicas vencedoras da última edição do concurso, sempre interagindo pelo grupo de estudo e quando possível pelo meet. Esses primeiros contatos com as crônicas vencedoras foram gratificantes, os alunos perceberam a simplicidade com que jovens de sua mesma faixa etária no cotidiano de suas vivências encontraram razões para serem escritores. Propus ainda ao longo das oficinas que fui adaptando à nossa realidade leitura da crônica O Papa vai ao banheiro? de Tiago Germano disponibilizada na 1ª oficina, e para minha surpresa mais uma vez chamou atenção e estimulou as futuras produções da turma, que durante o estudo sobre o gênero em destaque, achavam difícil e mesmo impossível ser autor de uma crônica, viram que não tinha “bicho de sete cabeças”, como um dos alunos em orientação particular comentou.

No desenrolar das nossas aulas remotas, tive que muitas vezes quebrar o gelo, reviver situações prazerosas de quando estávamos presencialmente e nesse embalo ensinando e aprendendo que uma crônica, gênero de linguagem despojada, simples, de fácil compreensão é de um poder imensurável para relatar a imensidão do lugar onde vivemos. Aos poucos o repertório sobre crônica foi crescendo, os alunos enviavam exemplos que tinham pesquisado, analisavam a maneira como cada produção estudada fora construída, deixando marcas precisas na vida de seus autores.

O passo seguinte foi pedir a primeira produção, que aos poucos foi tomando forma, revelando talentos e o encanto do cotidiano dos meus alunos. Essa fase de retorno dos primeiros textos foi muito desafiadora, o grupo de estudo em meio a tantas estratégias sugeridas pelo plano de aula na pandemia, elaborado pela SEMECTI em comum acordo com as escolas, foi a melhor proposta para a realidade dos meus alunos, mas isso não quer dizer, que 100% da turma dispõem de celular, de internet, a realidade em algumas das famílias é um celular para mais de 03 filhos e por vezes com dados móveis limitados, o que somado a outras dificuldades, eu não recebia em tempo hábil as produções.

Para não deixar os alunos que não possuem as TICs fora do processo, a escola entrega semanalmente atividades impressas e tive que mais uma vez me reinventar para que chegasse aos meus alunos que não estão no grupo de estudo a chance de participar da Olimpíada. Enquanto no grupo de estudo tinha ao meu favor a possibilidade de exemplos diversos, explicações por mensagens, áudios, vídeos aulas com a temática, por outro lado precisava rever a mesma aula para os alunos que recebem atividades impressas e que na prática sem nenhum contato comigo.

Confesso, esse panorama desigual me machucava, me fazia sentir impotente, mas, também era impulso para dedicar-me um pouco mais e reinventar a proposta de forma a atender meu aluno que não dispunha de contato, exceto com a folha impressa. Cada etapa nos favoreceu crescimento, as barreiras não impediram de chegarmos até aqui, de ver que mesmo não alcançando uma produção que apresentasse as características do gênero, saíram textos com início, meio e fim.

Foi uma alegria enorme poder contribuir com a escrita do meu aluno, oferecer e receber estímulos positivos mediante a tantas dores vividas pela COVID 19, como perder amigos de profissão, pessoas conhecidas da comunidade, ouvir ao longo das oficinas choros inevitáveis, no entanto, fui agraciada pela chance de aprimorar minha prática e conseqüentemente a leitura, oralidade e produção dos meus alunos. Gratidão, é a palavra de ordem.